

O Professor do Ensino Fundamental em Grupos de Reflexão¹

Patrícia Rossi Carraro

Doutora em Ciências, área de concentração Psicologia, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Professora de Graduação na UNISEB Interativo e UNISEB Centro Universitário de Ribeirão Preto; Professora de Pós-Graduação da UNISEB Interativo e do Centro Universitário de Rio Preto (UNiRP).

End.: Rua Augusto Domingos Pereira, 80/14, Jardim Nova Aliança. CEP: 14026-564 - Ribeirão Preto - SP.

E-mail: patricia.carraro@sebsa.com.br

Antônio dos Santos Andrade

Professor Assistente Doutor do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas Subjetividade e Educação (GEPSEd).

End.: Av. Bandeirantes, 3900. Campus Universitário. CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto - SP.

E-mail: antandras@ffclrp.usp.br

Site: <http://social.stoa.usp.br/antandras/>

Resumo

Pesquisas confirmam que o processo de reflexão em grupo realizado por professores resulta na melhoria de sua prática profissional. Esta pesquisa, de natureza qualitativa, objetivou investigar, as condições,

1 Este artigo constitui-se de parte da Tese de Doutorado da primeira autora desenvolvido sob a orientação do segundo autor, no Programa Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP/USP.

possibilidades e os limites para a realização de um grupo de reflexão fundamentado no sociodrama educacional em uma instituição escolar. O grupo era composto por 10 professores do ensino fundamental de uma escola da rede pública estadual de uma cidade do interior de São Paulo. A metodologia proposta compreendeu três etapas. Na primeira, investigou-se com cada professor, através de entrevista, a formação, história e prática profissional dos participantes. Na segunda etapa, foi realizado o trabalho com o grupo de professores. Foram desenvolvidas vinte reuniões de uma hora, as quais ocorreram semanalmente, durante o Horário de Trabalho Pedagógico em Conjunto (HTPC). Nessas reuniões, foram trabalhados, por meio de discussões e reflexões, os temas que os participantes abordavam espontaneamente. Na terceira e última etapa, realizou-se uma nova entrevista, com cada professor, com o objetivo de verificar como foi participar do grupo. Para analisar os resultados das entrevistas e dos grupos, foi realizada uma análise de conteúdo. Os resultados apontaram que o grupo de professores foi um momento de apoio, troca de experiências, desabafo e crescimento pessoal. Além disso, foi um espaço que o grupo teve para expor os descontentamentos, os conflitos, as descrenças, as angústias e as ansiedades perante os problemas e dificuldades vivenciados no cotidiano escolar. Notou-se que os professores tinham muitos problemas de relacionamento e de aceitação. Percebe-se, também, que os aspectos funcionais do estabelecimento de ensino dificultaram o desenvolvimento do trabalho de grupo e a relação interpessoal. Acredita-se na importância de um trabalho de grupo no contexto escolar como componente metodológico de um projeto de formação e aperfeiçoamento de professores.

Palavras-chave: Professor, ensino fundamental, grupos de reflexão.

Primary Education Teachers in Reflection Groups

Abstract

Research results confirm that an in group reflection process

accomplished by teachers results in an improvement of their professional practice. This study aims to investigate, using a qualitative approach, the conditions, possibilities and limits for the accomplishment of a reflection group based in an educational sociodrama in a learning institution. The Group was composed of 10 public school teachers from an elementary school of an inner city of São Paulo. The proposed methodology consisted of three procedures. In the first one, each component of the Group had his/her training, history and professional practice investigated through interviews. In the second procedure, the work with the group of teachers was accomplished. It consisted of twenty weekly one hour meetings during the Time for Pedagogic Collective Work (TPCW). At these meetings, the themes participants addressed spontaneously were worked out through discussions and reflections. In the third and last procedure, a new interview with each teacher was done to check how the experience in the Group was. Interview and Group results were evaluated by content analysis. Results indicated that group work was a moment of support, experience exchange, release of inner feelings and personal growth for the teachers. In addition, it was a space for them to expose discontentment, conflicts, skepticisms, anguish and anxiety in face of the problems and difficulties they experience in their daily school routine. It was evident that teachers had several relationship and acceptance problems. It was also noted that functional aspects of the educational establishment hampered the development of group work and interpersonal relationship. The importance of group work in the school context as a methodological component of a training project and improvement of teachers is established.

Keywords: *Teacher, primary education, reflection groups.*

El Profesor de la Enseñanza Fundamental en Grupos de Reflexión

Resumen

Confirman las investigaciones que el proceso de reflexión en grupo realizado por profesores resulta en la mejoría de su práctica

profesional. Esta investigación, de naturaleza cualitativa, tuvo como objetivo investigar las condiciones de posibilidades y los límites para la realización de un grupo de reflexión fundamentado en el sociodrama educacional en una unidad escolar. En el grupo había 10 profesores de la enseñanza fundamental de una escuela pública estadual de una ciudad del interior de São Paulo. La metodología empleada presentó tres etapas. En la primera, por medio de una encuesta, fue investigada la formación, la historia y la práctica profesional de los participantes. En la segunda etapa, fue realizado el trabajo junto a los profesores: fueron realizadas veinte reuniones semanales de una hora, que ocurrieron en el Horário de Trabalho Pedagógico em Conjunto (HTPC). En estas reuniones, por medio de discusiones y reflexiones, fueron trabajados temas que los participantes sugirieron espontáneamente. En la tercera y última etapa, fue realizada una nueva encuesta con todos los profesores, con el objetivo de verificar la impresión de participar en el grupo. Para analizar los resultados de las encuestas y de los grupos, fue realizada la Análisis del Contenido. Los resultados permitieron concluir que el grupo de profesores fue un momento de apoyo, de cambio de experiencias, de desahogo y de crecimiento personal. Además, fue un espacio para el grupo exponer la insatisfacción, los conflictos, la incredulidad, las angustias y las ansiedades ante los problemas y dificultades del cotidiano escolar. Fue observado que tenían los profesores muchos problemas de relacionamiento y de aceptación. Además, aspectos funcionales de los establecimientos de enseñanza dificultaron el desarrollo del trabajo de grupo y la relación interpersonal. Se cree en la importancia de un trabajo de grupo en el contexto escolar como componente metodológico de un proyecto de formación y perfeccionamiento de los profesores.

Palabras-clave: Profesor; enseñanza fundamental; grupos de reflexión

Le Professeur de L'enseignement Fondamental en Groupes de Réflexion

Résumé

Des recherches confirment que le processus de réflexion en groupe réalisé par des professeurs s'ensuit l'amélioration de la pratique

professionnelle pour eux-mêmes. Cette recherche, de nature qualitative, a objectivé investiguer les conditions de possibilités et les limites pour la réalisation d'un groupe de réflexion fondé sur le sociodrame éducationnel dans une institution scolaire. Le groupe était composé de 10 professeurs de l'enseignement fondamental d'une école du réseau publique d'une ville de l'état de São Paulo – Brésil. La méthodologie proposée a été comprise de trois étapes. A la première, on a investigué avec chaque professeur, par des interviews, la formation, l'histoire et la pratique professionnelle des participants. A la deuxième étape, on a réalisé le travail avec le groupe de professeurs. On a développé vingt réunions hebdomadaires d'une heure chacune, pendant l'Horaire de Travail Pédagogique Ensemble. Pendant ces réunions, on a travaillé, à l'aide de discussions et de réflexions, les thèmes que les participants évoquaient spontanément. A la troisième et dernière étape, on a réalisé une nouvelle interview, avec chaque professeur, objectivant vérifier ses impressions à propos de sa participation dans le groupe. Pour analyser les résultats des interviews et des groupes, on a réalisé l'Analyse de Contenu. Les résultats ont indiqué que le groupe de professeurs est devenu un moment de soutien, d'échange d'expériences, d'épanchement et de croissance personnelle. En outre, il a été un espace où le groupe a pu exposer les mécontentements, les conflits, les incroyances, les angoisses et les anxiétés devant les problèmes et les difficultés vécus dans le quotidien scolaire. On a vérifié que les professeurs avaient beaucoup de problèmes relationnels et d'acceptation. On a aussi aperçu que les aspects fonctionnels de l'établissement d'enseignement ont fait obstacle au développement du travail en groupe et la relation interpersonnelle. On croit à l'importance d'un travail de groupe dans le contexte scolaire comme composante méthodologique d'un projet de formation et de perfectionnement de professeurs.

Mots-clés: *Professeur, enseignement fondamental, groupes de réflexion.*

Introdução

O trabalho em grupo nas instituições educacionais vem se destacando e recebendo grande atenção por parte dos pesquisadores nos últimos tempos, devido aos benefícios e as

possibilidades de mudanças que este possa trazer aos membros pertencentes a estes locais.

Fonseca (1999) afirma que a era dos grupos compreende os anos 60 e 70, sendo fruto do desenvolvimento dos estudos sobre dinâmica de grupo durante a Segunda Guerra Mundial, momento em que se inicia a fusão do psicológico com o social. A psicoterapia psicanalítica de grupo, a grupoanálise, o psicodrama, a abordagem centrada na pessoa, a gestalt-terapia e a análise transacional passam a enfatizar a abordagem grupal. Por outro lado, nos anos 80 confi-gurou-se no meio científico uma onda cultural do individualismo e do crescimento interior pelas práticas individuais. O grupo é substituído pelo individual, e o público, pelo privado. Contudo, tem-se neste momento, especialmente no contexto das pesquisas educacionais, uma revalorização do grupal, do comunitário, oferecendo uma abordagem de inserção relacional na rede grupal e uma observação por meio dos múltiplos olhares terapêuticos do grupo.

Segundo Fernandes (2000), nas atividades grupais, seus participantes estão cada vez mais privilegiando o debate e a discussão, em vez de apenas participar de aulas expositivas, palestras e cursos. Como a maioria dos participantes de grupos não está em busca de esclarecer o passado, mas sim de melhorar a qualidade de vida presente e futura, considera-se que o grupo é o espaço continente e facilitador da busca de condições para um futuro melhor.

Vários autores, de diferentes países, se dedicaram a trabalhar com grupo de professores com vistas ao desenvolvimento do professor como profissional reflexivo: Schön (1992), Zeichner (1993) nos Estados Unidos, Gómez (1992) na Espanha, Chantraine-Demilly (1992) na França, e Nóvoa (1992) em Portugal. No Brasil, vários são os autores que se empenharam e se preocuparam com a formação continuada de professores como, por exemplo: Catani (1987), André (1996), Santos (1996), Mizukami, Reali, Reyes, Lima, Martucci, Tancredi, Mello (1996) e o Grupo de Estudos Docência, Memória e Gênero (GEDOMGE), da Faculdade de Educação da USP (Bueno; Catani & Souza, 1998; Aquino & Mussi, 2001).

Considerando-se as pesquisas sobre grupos de professores, Leite (2003) realizou um estudo que buscou identificar a ocorrência

de mudanças na prática pedagógica de uma profes-sora. Foram realizados vinte encontros, com a finalidade de propiciar a reflexão sobre a sua prática pedagógica, a partir da análise de gravações das situações ocorridas em sala de aula. As discussões promovidas, ao longo deste estudo, foram embasadas teoricamente nos conceitos da abordagem sócio histórica, para procurar a compreensão sobre os aspectos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem, particularizando as ações da atividade docente. Foram examinadas tanto as locuções verbais, quanto as ações educacionais da professora, na tentativa de se verificar a ocorrência de mudanças. Observaram-se indícios de mudança no que se refere ao foco de atenção da professora, quando ela analisa seus problemas pedagógicos, na consideração da multideterminação dos problemas de ensino e aprendizagem, na concepção de aluno, no método de ensino, no estabelecimento e valorização, seja da relação professor-aluno, seja da interação de alunos. Os resultados obtidos apontaram que a interação reflexiva parece ser um instrumento útil para a formação continuada de professores, indicando caminhos para a sua realização.

Domingues (2004) desenvolveu um trabalho, de cunho qualitativo que investigou e analisou as contribuições do horário coletivo de trabalho pedagógico, proposto no contexto escolar, para a (re)construção da profissionalidade docente. A investigação acompanhou dois grupos de professores que desenvolviam projetos de formação em escolas diferentes, utilizando-se de duas técnicas: o grupo dialógico, em que são coletados depoimentos orais dos professores, buscando suas concepções sobre o processo de formação vivido na escola, e posteriormente a aplicação de um questionário. A partir dos resultados, destaca que a percepção construída pelos professores sobre os saberes experienciais é um elemento fundamental na formação que preconiza a (re)construção da profissionalidade. A autora conclui que a interpretação das vozes dos professores direciona para a importância da intervenção sistemática do docente junto ao projeto de formação, transformando-o para desenvolver as qualidades profissionais que consideram necessárias, otimizando a sua condução de modo a transformar saberes (conhecimento, crenças, valores e representações), saberes e fazeres (práticas de sala de aula e de atuação

profissional nas escolas) numa profissionalidade que favoreça a ação docente reflexiva.

Sadalla, Wisnivesky, Saretta, Paulucci, Vieira & Marques (2005) desenvolveram uma pesquisa de natureza qualitativa, com o objetivo de analisar momentos que caracterizam a prática, a formação e os dilemas cotidianos do profissional prático reflexivo buscando compreender suas crenças. Realizou-se 23 encontros com seis professoras. As falas foram divididas em 11 categorias e submetidas às entrevistas recorrentes. Os resultados indicaram a necessidade de vincular, na formação e no cotidiano do professor, teoria e prática, a partir da reflexão sistemática, cotidiana e compartilhada entre os pares. Isto tendo em vista a formação docente como um processo multifacetado, pautado em diversas dimensões, que acabam sendo os alicerces de muitos dos saberes docentes.

Petrilli e Camargo (2006) desenvolveram um trabalho cujo objetivo foi fazer um estudo crítico sobre a formação docente, partindo da ampla disseminação e apropriação dos conceitos de professor e prática reflexiva. O referencial teórico fundamentou-se em estudos e pesquisas sobre a prática reflexiva na formação docente no Brasil e no mundo, de forma a interpretar dialeticamente a realidade educacional, possibilitando assim, diante das inúmeras críticas ao paradigma da racionalidade técnica, compreender o papel da reflexão no desenvolvimento profissional do professor, bem como as possibilidades de mudança. As autoras concluíram que apesar das várias mudanças na educação, não se pode desmerecer o conhecimento do professor, como se ele não fosse reflexivo, desqualificar sua prática, sua história de vida, sua profissão e não levar em consideração os personagens e os contextos em que estão inseridos, especialmente na implementação de mudanças no sistema educacional.

Ao trabalhar com professores não se pode esquecer que estes estão inseridos em contextos institucionais, os quais interferem favoravelmente ou não, na ação dos agentes escolares. Dessa forma, é importante a compreensão do significado da Análise Institucional, como uma ferramenta para auxiliar o trabalho grupal nas instituições.

Entre as perspectivas teóricas que orientam o trabalho com

grupos, particularmente no Brasil, é necessário destacar a da Análise Institucional, que teve em Georges Lapassade e René Lourau seus principais fundadores. Segundo Guirado (1987), a Análise Institucional de La-passade é vista como uma maneira singular de entender o que são as relações instituídas, bem como uma forma de “trabalhá-las” ou agir sobre elas, enquanto psicólogo, na busca de compreender as ligações que os indivíduos e grupos mantêm com as instituições.

Para Guirado (1987), apesar de Lapassade ressaltar a importância da instituição como função social, este propõe uma reflexão crítica por parte dos próprios agentes organizacionais com relação ao instituído, na busca de revelar a estrutura, o papel que desempenha no contexto profissional, numa atitude de revisão e transformação da ordem estabelecida. Lapassade concebe uma construção social da realidade que se dá a partir de uma inter-relação de três níveis ou instâncias: (1) o grupo, (2) a organização, (3) o Estado (a Instituição).

Para Lapassade (1977 como citado por Guirado, 1987, p. 28), “toda relação social se faz nos grupos. Estes, por sua vez, podem vir a configurar organizações e são, ambos, sobre determinados pelas instituições”.

A partir dessa análise sobre os três níveis do sistema social, supõe-se que, se a instituição constitui o campo abstrato dos valores e regras, sendo o Estado a sua maior expressão, a organização é a forma de materialização dessas regras e valores, através da produção social; enquanto o grupo é o elemento que completa a construção social da realidade, como instância de promoção, transmissão, reprodução ou transformação desses valores.

A instituição, para Lapassade, é o conjunto do que está instituído e, enquanto jurisdição e política, orienta toda e qualquer relação. Esse autor acrescenta à conceituação de instituição, a distinção de dois termos: o instituído, que é o que está estabelecido, é o caráter de fixidez e cristalização das formas de relação; e o instituinte, que é o movimento de criação, a capacidade de inventar novas formas de relação (Guirado, 1987).

A partir de uma abordagem psicossociológica, Lapassade

(1977) ressalta que, apesar de vivermos constantemente em grupo, não tomamos consciência das leis que regem o funcionamento interno deste, como, por exemplo, as tarefas concretas comuns e os sistemas de participação e de direção. Para este autor, toda ação, toda intervenção desenvolvida nos grupos, dentro de uma organização social, deve ter como horizonte último, dentro dos seus objetivos, a autogestão dos grupos, da sociedade em seu conjunto. Um grupo deve estar, ao mesmo tempo e de forma permanente, baseado na autogestão, na autodeterminação, e na autocrítica, ou autoanálise. A autogestão presume um aperfeiçoamento constante dos métodos de decisão coletiva à mesma altura dos comitês de gestão e dos sistemas reguladores, instâncias que são compostas na assembleia geral para representar os interesses dos diversos segmentos institucionais, durante todo o período da análise.

O facilitador grupal, com ênfase na psicossociologia, é aquele que tem por objetivo “promover” o grupo, e não se tornar instrumento de manipulação da instituição que o contrata. Ao contrário, se aceita tornar-se instrumento manipulador, paga o preço de renunciar a tudo que fundamenta a prática psicossociológica. Para a perspectiva psicossociológica, a essência da intervenção é a não-diretividade, ou seja, os psicossociólogos devem aceitar os compromissos, mas sem se comprometer ou se envolver.

Lapassade (1977) nos convida a pensar a instituição escolar e a práxis grupal de uma forma totalmente diferente da convencional. É importante não pensar nessa teoria como um receituário e, sim, como orientações para que o processo grupal seja mais facilitador e libertador dos medos e repressões vivenciados no âmbito escolar. Ela nos permite, por exemplo, questionar o modo como a gestão escolar se realiza e até que ponto ela pode ser considerada democrática, por considerar as demandas dos diversos segmentos institucionais. No presente artigo, se relatará posteriormente uma experiência grupal na qual estas questões se destacaram e passaram a servir como norte para as discussões. Antes, serão apresentadas algumas pesquisas que também buscaram atingir tais metas no trabalho com grupos.

Oliveira (2004) realizou um estudo que discutiu as atuais condições de trabalho dos docentes de escolas públicas brasilei-

ras, tendo como referência os resultados de pesquisas empíricas e revisão bibliográfica que demonstram um contexto de reestruturação do trabalho pedagógico, a partir da implementação da gestão democrática. Tais mudanças têm resultado em intensificação do trabalho docente, ampliação da sua atuação e, conseqüentemente, em maiores desgastes e insatisfação por parte desses trabalhadores. Esse movimento, ao mesmo tempo em que democratiza a escola, também está representando maior ameaça para esses profissionais no que se refere às supostas garantias de exclusividade sobre conteúdos pedagógicos e práticas de avaliação. Abrir as práticas do seu fazer cotidiano é muitas vezes tomado pelos professores como um sentimento de invasão e desprofissionalização. A autora conclui que é necessária a participação dos professores, diretores, coordenadores e alunos neste processo para que se garanta um espaço de discussões, trocas, mudanças e se construa uma escola democrática.

Na visão de Michels (2006), a gestão democrática gerou muitas mudanças e neste con-texto, faz-se necessário que os profissionais da educação, principalmente os professores, assumam a função de gestores da educação para atenderem às demandas das “novas” tarefas da educação. Para tanto, tornou-se o foco das atenções a formação desse profissional. Comenta-se muito quanto às competências, presentes nos documentos políticos, elas dizem respeito ao que o professor deve saber e fazer: trabalhar em parceria com a comunidade escolar, resolver problemas da escola, achar soluções criativas a problemas concernentes ao processo ensino-aprendizagem de seus alunos, mas o professor sem apoio institucional não está sabendo lidar com essas inovações. O autor considera que por mais que essa mudança no ensino pareça ser um avanço, esta retira de cena as discussões sobre as condições de trabalho, como se elas estivessem resolvidas. A questão salarial, carga horária de trabalho, reconhecimento social, não são mencionados pela política de formação docente. Ao contrário, essa política faz crer que basta a “boa vontade”, flexibilização e participação dos professores para que os problemas educacionais se resolvam.

Azenha (2007) realizou uma pesquisa cujo objetivo principal foi o de analisar a concepção de gestão democrática apontada

na LDB 9.394/96 e a visão de nove gestores escolares que trabalham na rede pública estadual de ensino, da região de Ribeirão Preto sobre essa temática. Os resultados demonstraram que a implementação da gestão democrática, estabelecida pela LDB, é considerada uma grande novidade para a educação brasileira, porém não está ocorrendo com grande facilidade, por não se tratar de um simples “ajuste técnico”, mas, sim, de uma construção coletiva. A maioria dos entrevistados acredita que a gestão democrática só existirá a partir do momento em que esta for assumida por todos os atores da escola (direção, coordenação, funcionários, professores, pais e alunos). Os dados também revelaram que existe um descontentamento por parte dos entrevistados quanto à sobrecarga de responsabilidades que permeiam o cotidiano escolar dos gestores, bem como quanto à pouca participação e envolvimento dos diversos atores sociais na promoção de tomada de decisões. O descontentamento dos atores sociais da instituição escolar quanto ao poder e controle dos órgãos governamentais, que se perpetuou de maneira tão significativa na educação brasileira, também foi apontado pelos entrevistados. O autor considera que a experiência coletiva de criação, articulação, implementação e manutenção da gestão escolar democrática é o principal desafio de todos aqueles que hoje atuam na escola pública, visto que esta instituição tem sido tão punida no decorrer da história da educação brasileira.

Para Arelaro (2007), a gestão educacional não está ocorrendo conforme as orientações da LDB 9.394/96, devido a dois impedimentos presentes na gestão dos sistemas escolares no Brasil: o discurso sobre a gestão democrática na formulação e implementação das políticas públicas em educação e a prática “produtivista” que renuncia a mesma. Ao mesmo tempo em que os movimentos de pressão social para o estabelecimento da “transparência” das ações governamentais exigem participação dos professores e da população, a pressão pela “qualidade” do ensino e de gestão educacional “competente” vem exigindo dos dirigentes públicos respostas imediatas. Na ausência de condições para efetivá-las, as escolas públicas estabelecem “parcerias” com escolas privadas que inserem a lógica do mercado nas orientações dadas às escolas e nos sistemas públicos de ensino, gestando um

novo e contraditório conceito de eficiência educacional, em que a participação dos diferentes segmentos da comunidade escolar, em especial o professor, é totalmente dispensada.

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir uma prática com grupo reflexivo de pro-fessores, inspirada no referencial teórico da Análise Institucional, na busca de se investigar as condições de possibilidades, os limites e as dificuldades de sua realização no ensino fundamental.

Metodologia

Os participantes

O grupo foi formado por dez professores (nove professoras e um professor) de uma escola da rede pública estadual de uma cidade do interior de São Paulo, sendo oito participantes atuantes no Ciclo I (da primeira a quarta série do ensino fundamental) e dois, no Ciclo II (da quinta a oitava série do ensino fundamental). O trabalho foi realizado na própria escola onde atuam os professores.

O procedimento de coleta de dados

A coleta de dados compreendeu três etapas: Na primeira, foram realizadas as entrevistas iniciais com intuito de obter informações sobre a formação, história e prática profissional dos participantes. Estas foram realizadas durante o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), com duração de aproximadamente uma hora.

A estratégia adotada para as entrevistas foi uma adaptação realizada por Carraro (2003), de uma técnica padrão utilizada na evocação, enunciação e verificação de material verbal, descrita no trabalho de Souza e Figueiredo (1993).

Na segunda etapa, ocorreu o trabalho com o grupo de professores. Foram realizadas vinte reuniões. Estas ocorreram semanalmente, com duração de uma hora, e foram realizadas durante o HTPC. Na condução das reuniões, foi usado como referencial teórico as contribuições do Psicodrama de Moreno (1984,

1992), caracterizando uma abordagem sociodramática educacional (Nunes & Andrade, 1995; Borsato & Andrade, 2000; Silva, 2002, Andrade, 1999, 2000, 2002). Coerente com este referencial, nas primeiras reuniões, foi realizada a “produção” ou o “aquecimento” do grupo. Nas reuniões seguintes, os participantes traziam temas sobre os quais se discutia. As reuniões eram coordenadas pela primeira autora deste artigo, mas todos os encontros foram supervisionados pelo segundo autor, orientador desta pesquisa.

Na terceira e última etapa, ocorreu uma avaliação com cada professor, com o objetivo de verificar como foi para ele participar do grupo reflexivo, se ocorreram mudanças na sua prática de sala de aula e, por último, se a proposta de trabalho contribuiu para sua formação profissional. Nessa etapa, foi realizada uma nova entrevista com cada professor para que fossem investigados os seguintes temas: O Grupo, A Minha Participação no Grupo, Esta Escola e o Grupo e o Papel de Professor e o Grupo.

O procedimento de análise dos dados

Para a análise das entrevistas, depois de transcritas de suas audiografações, utilizou-se a análise de conteúdo, segundo a perspectiva proposta por Bardin (1979) e Minayo (1999). Esta consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Entre as várias técnicas de análise de conteúdo descritas por essas autoras, foi utilizada a análise temática, o tipo de análise mais rápida e eficaz, a qual, operacionalmente, organiza-se em torno de três etapas: a pré-análise, a exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados obtidos, a inferência e a interpretação.

As reuniões de grupo foram analisadas a partir da Análise de Conteúdo, buscando compreender as concepções dos professores em relação à experiência do cotidiano escolar, mas em grupo.

Resultados

A escola

A escola onde foi realizada a pesquisa foi fundada em 1988 e está localizada em um bairro de classe média de uma cidade do interior de São Paulo. O bairro é residencial, porém cercado de comércio. O prédio da escola corresponde à área total de um quarteirão e possui dois pavimentos constituídos de salas de aula, de direção, de coordenação e de professores, secretaria, biblioteca, quadra poliesportiva e estacionamento para os funcionários e professores.

A direção se faz presente nos três períodos de funcionamento da escola. Entre os pro-fessores, a maioria é do sexo feminino, e alguns professores do sexo masculino. A grande maioria tem formação universitária e alguns possuem ou estão buscando especialização. A escola funciona em três períodos. No período Matutino (das 07h10min as 12h) funciona o Ciclo II do Ensino Fundamental (7ª série e 8ª série) e o Ensino Médio. No período Vespertino (das 12h40min as 17h30min) funciona o Ciclo I (1ª a 4ª série) e o Ciclo II (5ª e 6ª série) e no período noturno (das 19h00min as 22h40min) funciona o Ensino Jovem Adulto (EJA).

Na ocasião desta pesquisa a escola tinha 690 alunos matriculados. Em geral, poucos alunos são do bairro; a maioria é da periferia da cidade e possui baixo poder aquisitivo. A escola possuía 60 funcionários ao todo, e entre eles estão o diretor, vice-diretor, coordenador pedagógico, professores e outros. De acordo com o coordenador pedagógico e com a vice-diretora, nessa escola o cargo do diretor é um cargo de substituição, pois a diretora efetiva está em atividade na Diretoria de Ensino. A escola já teve cerca de 18 diretores, e a rotatividade de professores também é grande.

Os resultados da entrevista inicial

Como os resultados da entrevista inicial dos professores representam uma parte extensa desta pesquisa, optou-se por apresentar apenas algumas informações da formação dos professores por entendermos que seja importante termos uma compreensão de quem são os professores que participaram do

trabalho de grupo. Contudo, não se pode deixar de acrescentar que esta entrevista foi uma etapa relevante para esta pesquisa, pois proporcionou à coordenadora de grupo, num primeiro momento, o estabelecimento de um vínculo com cada participante. Além disso, percebeu-se o quanto o professor se sentia à vontade e valorizado ao relatar suas experiências e trabalhos na educação escolar.

A caracterização dos professores

Dos 10 professores entrevistados, sete professoras possuem o Curso Normal e destas, três possuem Pedagogia, uma possui curso universitário em Biblioteconomia e outra, além de ter curso universitário em Administração, tem o curso de Pedagogia incompleto. Uma professora que tem o Curso Normal está terminando o curso de Pedagogia. Encontramos também um professor formado em Educação Física, uma em Geografia e outra em Ciências Biológicas.

Quanto à idade, dois professores têm entre 26 e 29 anos, duas professoras têm entre 34 e 35 anos; quatro professoras têm idades que giram em torno de 40 e 49 anos; uma professora tem 55 anos e outra tem 60 anos. Dos 10 professores entrevistados, oito são formados em universidades particulares, todas as professoras que realizaram o Curso Normal fizeram em escolas particulares e uma professora está terminando a Faculdade que é particular.

Com relação ao tempo na carreira, dois professores lecionam há menos de 10 anos; dois lecionam de 10 a 14 anos; três de 15 a 19 anos; dois de 20 a 24 anos e uma leciona de 25 a 29 anos. Quanto ao tempo de formados, dois professores têm menos de 10 anos; cinco professoras têm de 12 a 18 anos de formados; duas têm 23 e 25 anos, e uma professora tem 32 anos de formada. Dos 10 professores, quatro possuem especialização.

Os resultados do processo grupal

Para a realização do grupo de reflexão foram feitas vinte reuniões que ocorreram semanalmente, com duração de uma hora, no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo. Considerando-se os assuntos tratados em cada uma das reuniões, foi possível agrupá-

-las em cinco etapas. A primeira corresponde as cinco primeiras reuniões, e pode ser considerada um momento de aquecimento, de integração, de compartilhar as expectativas dos membros do grupo em relação ao trabalho que estava sendo iniciado na escola, ou ainda, como a produção do “grupo para si”, segundo Lapassade (1977). Além disso, nesta etapa os professores começaram a falar no grupo dos aspectos do contexto escolar conforme seus desejos, seus sentimentos e suas necessidades. É importante destacar que nesta etapa foram discutidos assuntos que estavam preocupando, incomodando e angustiando muito os professores, como por exemplo, a inclusão do indivíduo com necessidades especiais nas escolas da rede estadual de ensino, a falta de suporte técnico-pedagógico sobre o assunto e a mudança de direção da escola. Destacam-se, também, outras temáticas que foram abordadas no decorrer das reuniões, tais como: os alunos e suas famílias, as dificuldades e as dúvidas do trabalho do professor, os sentimentos do professor, o contexto escolar e as dúvidas, e as dificuldades de participar do trabalho do grupo em questão; os problemas de sala de aula, os problemas sociais, os alunos do Movimento dos Sem-Terra (MST), os sentimentos dos professores diante das dificuldades dos alunos, o Governo, o sindicato, as reuniões com Diretoria de Ensino, a profissão docente e o pedido de contratação de uma psicóloga na rede estadual de ensino.

Pôde-se perceber, de um modo geral, que inicialmente os professores estavam mais quietos e com receio de se apresentarem e se exporem. Percebia-se que eles estavam estranhando a nova situação. Fato que ilustrava a dificuldade de produção do “grupo para si”, a própria ideia de reflexão. A inserção burocrática rígida, as normas, regras, programas, cobranças, avaliações que instituem o cotidiano de uma escola pública fazia-se presente na resistência manifesta pelos professores em se exporem, em aderirem à reflexão, em produzirem o para si, próprio desta. Mas, felizmente, no decorrer das outras reuniões, os professores avançaram para participações mais abertas nas discussões dos assuntos abordados no grupo. Ainda assim, em vários momentos alguns professores ficavam em silêncio diante de uma fala mais significativa de um colega, talvez, por receio de se expor, preferindo essa posição a terem que se opor e gerar conflitos. Além disso, em algumas oca-

siões, os professores procuraram apoiar-se uns nos outros, pois estavam vivenciando várias dificuldades, não didático-pedagógicas, mas organizacionais, em seu trabalho na escola. Tais situações pareciam estar gerando muita angústia nos professores, como evidências disto, se podia observá-los bastante agitados, falavam alto e rápido. Às vezes, as falas de uns sobrepunham-se a dos outros, e em vários momentos, eles pareciam nem conseguirem ouvir o colega. Os Quadros 1 a 5 apresentam alguns trechos ilustrativos das reuniões e seus respectivos depoimentos.

PRIMEIRA ETAPA	
PRIMEIRA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
Prof. 06	<i>Bom, deixa eu começar. Estou nesta escola há 17 anos. Estou cansada também. Eu fui prestando atenção e é assustador a mudança dos alunos. Eu não sei (pausa) tem hora (pausa) eu não sei o que pensar, como agir, é muito difícil. Tem hora que você tem vontade de largar, sabe. Eu acho que esta expectativa de grupo é novidade. Novidade até para a escola. Então eu vou esperar. Vou ver as outras reuniões para ver o que vai acontecer.</i>
	<i>Observação: silêncio, de repente as professoras começaram a rir.</i>
Prof. 08	<i>Eu vejo que está me angustiando. Eu penso que é só comigo, mas ouvindo a M. falar, não é só comigo. Ela que está mais tempo na casa. Eu sou nova aqui na escola. Vim de outra cidade e me efetivo faz pouco tempo.</i>
Prof. 04	<i>Às vezes, a gente acha que o erro é da gente. Sabe aquele menino que não sabe nada e a gente tem que passar. Por outro lado, será que é a gente que não está conseguindo passar? Será que é isso? Eu estou perguntando? Eu fico preocupada. Na escola eu também sou nova. Eu nunca fiz esse trabalho de grupo.</i>

Quadro 1: Primeira reunião: os depoimentos dos professores

SEGUNDA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
Prof. 06	<i>Posso fazer uma pergunta?</i>
Coordenadora	<i>À vontade. Esse espaço aqui é de vocês.</i>
Prof. 06	<i>O que você acha como psicóloga educacional desta inclusão que jogaram para nós professores? Eu acho que isso é tão difícil. É muito difícil mesmo. Escola sem estrutura. Famílias sem orientação e apoio. Tudo jogado.</i>
Prof. 03	<i>O problema, é que é jogado de qualquer forma e você tem que acolher, tem que dar conta, você é cobrada a todo minuto, você é cobrada do resultado deste trabalho, sem ter nenhum respaldo, nem de direção da escola, nem de pessoa capacitada para trabalhar junto com você numa sala de aula.</i>

Quadro 2: Segunda reunião: os depoimentos dos professores

TERCEIRA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
<i>Prof. 09</i>	<i>Vocês viram a situação que os alunos do MST vivem? Dá dó, e ainda não têm livros. Vêm sem nada.</i>
<i>Prof. 06</i>	<i>Mas, a gente tem que fazer alguma coisa sim. Tem que falar. O diretor não vai. Pedir ao sindicato (pausa) uma hora o sindicato tem que entrar (pausa). Bater de frente. O sindicato não quer ouvir o que a gente tem passado.</i>
<i>Prof. 09</i>	<i>Nós somos muito acomodados, medrosos. Nem para reivindicar um salário a gente não consegue nada.</i>
<i>Prof. 02</i>	<i>Vocês veem com todos esses problemas que estamos passando, essa inclusão mesmo assim, eu quero dar Eu quero dar aula, eu quero ser professora. (...) porém sabemos que o correto era ter uma psicóloga.</i>
<i>Prof. 10</i>	<i>Você acha que o Estado não poderia pagar? Claro que pode. O professor precisa de ajuda.</i>

Quadro 3: Terceira reunião: os depoimentos dos professores

QUARTA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
<i>Prof. 06</i>	<i>Temos nova direção. Está difícil. Houve mudança de direção de novo.</i>
<i>Prof. 09</i>	<i>Eu ainda não vi a diretora nova.</i>
<i>Prof. 06</i>	<i>Eu acho que nós tivemos mais de quinze diretores. Aqui virou um angu. Nem professor quer ficar!</i>
<i>Prof. 09</i>	<i>Os alunos do movimento parecem que agora estão bem na escola. Os alunos daqui não queriam aceitar.</i>

Quadro 4: Quarta reunião: os depoimentos dos professores

QUINTA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
<i>Coordenadora</i>	<i>Eu queria fazer um fechamento das reuniões que tivemos durante o semestre, pois a gente vai ficar sem se ver um mês, e eu gostaria de fazer com vocês uma avaliação do trabalho. Ouvir a opinião de vocês. Silêncio</i>
<i>Prof. 06</i>	<i>Vamos ver aonde isso vai dar. Ainda tudo é muito novo. Temos um espaço para falar, coisa que não tínhamos antes. É diferente.</i>
<i>Prof. 03</i>	<i>Aqui na escola, é um espaço difícil para você conversar com os que mandam.</i>
<i>Prof. 02</i>	<i>Agora te pergunto, qual o poder do professor? Nenhum. Tudo é para o aluno. As professoras começaram a falar juntas.</i>
<i>Prof. 08</i>	<i>Mas também existe nosso poder sobre eles e deles sobre a gente. Eles sabem perfeitamente que a gente..... (Obs.: a professora 02 não deixou a professora 08 terminar de falar)</i>
<i>Prof. 02</i>	<i>Que a gente não pode nada.</i>
<i>Prof. 06</i>	<i>Não C.!!!! Nós podemos tudo sim. É a gente que abaixa a cabeça. Nós não fazemos nada. Medo? Sei lá.</i>
<i>Prof. 02</i>	<i>Imagina!</i>
<i>Prof. 07</i>	<i>Eu queria falar dos encontros. Eu tirei algumas coisas boas, e outras que a gente coloca para desabafar. Eu entendi o trabalho (...). Está sendo muito bom pra mim.</i>

Quadro 5: Quinta reunião: os depoimentos dos professores

Na segunda etapa, da sexta à décima reunião, inicialmente, o grupo retomou as discussões da etapa anterior, pois haviam voltado do recesso escolar. Os participantes passaram a comentar sobre as

férias, o planejamento, as regras da nova diretora da escola e a inclusão do indivíduo com necessidades especiais na escola. Percebeu-se que o grupo estava bastante incomodado, inconformado e indignado com as mudanças na escola. Nas outras reuniões, as temáticas discutidas centralizaram-se principalmente na inclusão do indivíduo com necessidades especiais na escola, nos alunos do MST, na saúde dos alunos e na necessidade que o professor tem de apoio e de orientação diante dos problemas que vivenciam na escola.

Os professores demonstraram estar desorientados, descontentes e esperando que alguém fizesse alguma coisa por eles. Parece que o grupo sentia-se incapaz de tomar uma atitude para lidar com as situações que vivenciavam na escola. Além disso, constatou-se que os aspectos institucionais não estavam sendo discutidos na escola com os professores e, sim, sendo impostos, como, por exemplo, a questão da inclusão do indivíduo com necessidades especiais na escola e dos alunos do MST.

Percebia-se, ainda, que eles desejavam apoio, porém, não podiam contar com a escola, pois parece que esta está tão desorientada e confusa quanto o professor em relação às novas medidas educacionais do Governo.

Além do tema da inclusão, surgiu o assunto do trabalho do HTPC. Um membro do grupo apontou que os professores também são responsáveis por não existir um trabalho adequado neste horário, visto que não demonstram interesse. Os participantes acrescentaram ainda que os professores, por estarem muito cansados, acabam se acomodando. A seguir serão apresentados alguns trechos ilustrativos das reuniões e seus respectivos depoimentos (Quadros 6 a 10).

<i>SEGUNDA ETAPA</i>	
<i>SEXTA REUNIÃO</i>	
<i>PROFESSORES</i>	<i>DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES</i>
<i>Prof. 10</i>	<i>Nós já começamos na escola na segunda-feira, dia 25.</i>
<i>Coordenadora</i>	<i>E como foi o planejamento?</i>
<i>Prof. 09</i>	<i>Texto, interpretação de texto. Falando de... (Observação: A profa. 10 não deixou a professora 09 terminar de falar)</i>
<i>Prof. 10</i>	<i>Cada um refletindo sobre seu trabalho</i>
<i>Prof. 09</i>	<i>Agora nós temos diretora nova de novo, mudou muita coisa.</i>
<i>Prof. 02</i>	<i>Ela veio de manhã, ditou as regras e depois não participou. Ela falou que não quer que a gente entre na secretaria, não quer mais que façamos isso, que façamos aquilo.</i>
<i>Prof. 07</i>	<i>(...) eu entendi a inclusão, está aí, eu vou dizer mais para vocês (...) o problema é nosso (pausa) mesmo se nós não estudarmos para ter uma formação, para receber esses alunos.</i>
<i>Prof. 06</i>	<i>Precisa de um trabalho, antes da criança vir para escola. A escola precisa estar preparada.</i>
<i>Prof. 02</i>	<i>Não, não estamos preparados. E agora? Eu não sei o que eu faço com uma criança dessas na minha classe.</i>

Quadro 6: Sexta reunião: os depoimentos dos professores

SÉTIMA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
Prof. 10	<i>A inclusão é uma situação nova e que vai acontecer mais cedo ou mais tarde para qualquer escola e com qualquer professor. A gente não escolhe. Mas só que vem de uma forma que deixa a gente muito angustiada (...).</i>
Prof. 07	<i>A situação do pessoal do MST não é fácil não.</i>
Prof. 10	<i>Os meus alunos sofrem muito, eles passam fome. Eu tenho só dois que não são do Movimento.</i>
Prof. 09	<i>Como é que a gente vai trabalhar com esses alunos e os deficientes na sala? Porque a gente tem que ficar toureando a todo o momento? É! Estamos sozinhos.</i>

Quadro 7: Sétima reunião: os depoimentos dos professores

OITAVA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
Prof. 05	<i>O ano passado tive dois aluninhos com Aids na minha sala. Só que eu trabalhei o ano inteiro com eles sem saber disso. Todo mundo sabia, menos eu. A coordenadora se fez de fingida quando falei com ela.</i>
Coordenadora	<i>E como foi o planejamento?</i>
Prof. 02	<i>O I. tem um tumor no cérebro. Foi você, ou foi outra professora quem me falou. Mas, é de professora para professora que a gente fica sabendo.</i>
Prof. 06	<i>Tinha um trabalho aqui. A gente tinha uma enfermeira do posto que ajudava a gente aqui. Ela chamava os pais, conhecia todo mundo. Ela fazia um trabalho muito bom (pausa) ela era da Prefeitura.</i>
Prof. 07	<i>Mas, esses trabalhos desse tipo foram retirados.</i>
Prof. 02	<i>Será que fazer um ofício, pedir para ela vir dar uma palestra M.?</i>
Coordenadora	<i>Vocês estão falando da importância de se ter uma pessoa ajudando vocês? Tudo bem! Mas, parece que não tem. E o que o grupo poderia fazer para tentar resolver as dificuldades que aparecem?</i>
Prof. 02	<i>A gente nada. O professor não quer saber de nada. Tem medo de sofrer perseguição.</i>
Coordenadora	<i>Vocês concordam com a C. Silêncio - ninguém se posicionou</i>

Quadro 8: Oitava reunião: os depoimentos dos professores

NONA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
Prof. 07	<i>Nós também fomos na oficina pedagógica receber orientação das necessidades especiais das crianças. Tem revista, tem várias atividades para você trabalhar. O material é uma beleza, só que você tem que se virar.</i>
Prof. 10	<i>Foi uma cansreira danada e foi o dia inteiro. A reunião foi uma confusão. Cada escola que se vire e o professor vai ter que aceitar o portador. Se a escola não tem estrutura vai ter que ter.</i>

Quadro 9: Nona reunião: os depoimentos dos professores

DÉCIMA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
Prof. 09	<i>Eu acho gente, que o nosso HTPC precisa mudar. Hoje, estava na outra escola que eu dou aula e o pessoal estava reclamando. (...) a gente estava falando de trabalho em equipe (pausa) isso precisa acontecer (pausa).</i>
Prof. 04	<i>O HTPC como é aqui, é em todas escolas.</i>
Prof. 06	<i>Eu vou falar de uma coisa aqui, que não é culpa do coordenador. Eu vou falar uma coisa de coração, nós estamos tão cansadas e tem horas que chega nessa hora de HTPC, e eu vejo que ninguém quer nada, sabe por quê? Nós, os professores, estamos cansados. Então, eu sei que está errado, mas é uma maneira de também nos protegemos. Mas, a gente não quer nada com nada mesmo. Eu não tenho mais saco.</i>

Quadro 10: Décima reunião: os depoimentos dos professores

Na terceira etapa, da décima primeira a décima quarta reunião, inicialmente, os partici-pantes discutiram diversas questões, tais como: o comportamento dos alunos nas comemora-ções da escola; a higiene dos alunos; o concurso; as outras tarefas das professoras; a questão do aumento da tarifa telefônica; o papel de professor e sua família; a aposentadoria do professor; e as gratificações oferecidas pelo Estado. Poucos foram os temas trazidos que geraram desconforto. Por outro lado, as professoras apresentaram dificuldades de centralizar as questões no contexto escolar. Na maioria das vezes, eles desviavam a atenção para assuntos pessoais. Observou-se certo preconceito e desmerecimento por parte das professoras quando o assunto foi a higiene dos alunos. Posteriormente, em outras reuniões, o grupo passou por um momento cujos assuntos mais abordados pelas professoras estavam relacionados ao concurso e, portanto, envolveram temas como o curso preparatório, os outros concursos da rede estadual de ensino, o dia da prova e o último concurso. Essas temáticas geraram tensão entre os membros do grupo, revelaram incertezas sobre o resultado do concurso, preocupações em relação a se tornar efetiva na rede estadual de ensino e descontentamentos. Somente uma das professoras demonstrou apoio e otimismo às colegas, relatando um pouco de sua experiência sobre o assunto.

O papel da coordenadora nesta etapa foi de tentar resgatar situações favoráveis que as professoras vivem na educação. Contudo, estas continuaram afirmando, por meio de desabafos, as decepções, as mágoas e as dificuldades que vivenciam no contexto escolar. Foram retratadas a partir dos assuntos: a insatisfação e a decepção dos professores com a profissão docente, com a direção da escola, com a equipe técnico-pedagógica, com a situação dos professores ACTs (Professor Admitido em Caráter Temporário), com o concurso e com a greve dos professores. Parece que para a maioria dos docentes não havia pontos positivos no contexto escolar. Os Quadros 11 a 14 apresentam alguns trechos ilustrativos das reuniões e seus respectivos depoimentos.

TERCEIRA ETAPA	
DÉCIMA PRIMEIRA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
<i>Prof. 09</i>	<i>Vocês vão participar da comemoração?</i>
<i>Prof. 06</i>	<i>Se o ginásio participar, eu vou falar para o coordenador que eu não vou. Eles estão terríveis.</i>
<i>Prof. 09</i>	<i>Mas os pequeninhos que já não são tão pequeninos assim (pausa) não são tão flor que se cheira.</i>
<i>Prof. 02</i>	<i>Não são mesmo. Eles fedem mesmo.</i>
	<i>Observação: as professoras riram</i>
<i>Prof. 02</i>	<i>Quando é o concurso?</i>
<i>Prof. 03</i>	<i>Cheguei em casa (pausa) lavei roupa, fiz comida..</i>
<i>Prof. 10</i>	<i>Esse negócio de fazer serviço de casa, não tá com nada não.</i>
<i>Prof. 09</i>	<i>Eu não gosto (pausa) a gente nunca tem férias.</i>
<i>Prof. 10</i>	<i>Oh! Gente! Eu fico pensando (pausa) aposentar em uma época dessas, a gente acaba estranhando. Porque a gente é movida por impulso há tanto tempo (pausa).</i>
<i>Prof. 06</i>	<i>Se eu aposentar, eu não volto para o Estado, eu volto para uma escola particular ou para a Prefeitura.</i>

Quadro 11: Décima primeira reunião: os depoimentos dos professores

DÉCIMA SEGUNDA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
<i>Prof. 09</i>	<i>M., ah! Conta para gente como foi o concurso? Você também prestou T.?</i>
<i>Prof. 10</i>	<i>Essa prova foi o seguinte. A gente vem se preparando há muito tempo (pausa) estudando muito. Passar nesse concurso seria o ideal para mim. O que houve, a gente se preparou porque a APEOESP se prontificou em dar o curso para gente. Foi muito bem elaborada, mas acabou não sendo muito dentro do que os nossos professores prepararam a gente. As salas estavam superlotadas, não dava para esticar as pernas. As carteiras muito próximas, umas das outras, espaço muito pequeno, as portas fechadas. Não tinha lanchonete aberta.</i>
<i>Prof. 07</i>	<i>Eu tenho uma opinião diferente da T. Cada uma com a sua. Exatamente a bibliografia estava na prova. (...) desde que eu estou dentro do Estado que eu vejo a APEOESP fazer algum favor ao professor. Nós tivemos um curso muito bom (pausa) qualquer pessoa que tem um pouco de conhecimento da educação, se pega o material vai ver que é um bom material.</i>
	<i>Silêncio</i>
<i>Prof. 09</i>	<i>Precisa esperar. Ter paciência. Vocês fizeram sua parte. Passar vai depender de um monte de coisas.</i>

Quadro 12: Décima segunda reunião: os depoimentos dos professores

DÉCIMA TERCEIRA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
<i>Prof. 09</i>	<i>Saiu o resultado M.? Você conseguiu?</i>
<i>Prof. 07</i>	<i>O resultado não (...) demora uns trinta dias (pausa) o gabarito saiu.</i>
<i>Prof. 05</i>	<i>A situação por lá estava muito complicada. Que tumulto.</i>
	<i>Observação: As professoras começaram a falar juntas.</i>
<i>Prof. 10</i>	<i>Eu sai de lá humilhada.</i>
	<i>Observação: As professoras começaram a falar juntas.</i>
<i>Prof. 06</i>	<i>Que horror. Porque eles fazem isso. Eu não aguento isso gente. Que falta de respeito.</i>
<i>Prof. 02</i>	<i>O pessoal de S.R. está falando que não caiu nada daquilo que eles pediram.</i>
<i>Prof. 07</i>	<i>(...) se as pessoas que fizeram o curso de S. R. disseram que não caiu nada, então o problema é do curso. Porque o que estava na bibliografia foi o que nós estudamos na APEOSP.</i>
	<i>Observação: A prof. 02 ficou nervosa, apontou o dedo para a profa. 07 e falou: “você é a única que está falando isso”.</i>
<i>Prof. 07</i>	<i>Eu posso trazer o material e provar.</i>
<i>Prof. 02</i>	<i>É a única que está falando isso! Lá fora o comentário era geral.</i>

Quadro 13: Décima terceira reunião: os depoimentos dos professores

DÉCIMA QUARTA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
Coordenadora	<i>Eu vejo que o movimento do grupo é esse assim (pausa) têm momentos que parece que está mais tranquilo que as coisas fluem (pausa) têm vários momentos que vocês estão extremamente angustiadas, cansadas, mentalmente desgastadas, a gente percebe. Aí junta o concurso que foi bastante desgastante.</i>
Prof. 02	<i>Não vejo a hora de terminar o semestre. Que bom que estamos no final de setembro.</i>
Prof. 10	<i>E a contagem regressiva para o final, deixa a gente mais ansiosa ainda.</i>
	<i>Silêncio</i>
Coordenadora	<i>Eu fiquei pensando o que tem de bom na educação escolar? No trabalho de vocês, na escola.</i>
Prof. 02	<i>A prova do ENEM. Vocês viram? Coitados. Assim, como nós estamos sem o papelzinho pelo correio, eles também não mandaram para os alunos. Tudo desorganizado.</i>
Prof. 06	<i>Nunca me esqueço quando ia começar o SARESP, a primeira prova: "Olha, não se preocupe com isso, com aquilo, com a gramática". Chegou a hora da prova de gramática. Uma confusão. Os professores brigaram.</i>
Coordenadora	<i>Eu fiquei pensando... o que tem de bom na educação escolar? O que tem de bom aqui na escola?</i>
Prof. 02	<i>Nervoso.</i>
Prof. 10	<i>Acho que nada.</i>
Prof. 02	<i>Quando me dá mal estar, eu posso correr (pausa) é início de depressão.</i>
Prof. 06	<i>Tem uma ala da educação que tá tudo lindo, tudo é maravilhoso, as escolas são lindas (pausa) Mentira!!! (pausa) tá todo mundo exausto. Você vai nas reuniões da diretoria de ensino e ninguém fala dos problemas. A realidade é outra. Está todo mundo amargurado que não têm perspectiva de nada. A educação é uma mentira.</i>
	<i>Observação: as professoras começaram a falar juntas</i>
Prof. 10	<i>A gente está muito cansada.</i>
Prof. 05	<i>O professor é um sofredor!</i>
Prof. 06	<i>Não é só o professor não, gente! é o trabalhador! Eu acredito que ainda a única coisa boa é o nosso trabalho (pausa) são as crianças (pausa) não é D.? A gente que está aqui faz tempo.</i>
Prof. 02	<i>Bom pessoal, vamos indo, já deu o horário!</i>

Quadro 14: Décima quarta reunião: os depoimentos dos professores

A quarta etapa, da décima quinta a décima sétima reunião, pode ser considerada o retorno às questões que estavam gerando muita ansiedade e angústia nas professoras. A questão do concurso e a mudança de direção foram novamente abordadas. Parecia que as professoras que não passaram no concurso estavam falando um pouco mais do sentimento e da decepção de continuar vivenciando a instabilidade de ser ACT na rede estadual de ensino. Os participantes também discutiram diversas questões, tais como: as dificuldades do início da profissão da professora 06; as mudanças no ensino; a falta de consideração da equipe técnico-pedagógica da instituição em relação aos professores, alunos e profissionais que desenvolvem atividades na escola; a prática em sala de aula; os alunos do MST; a greve dos professores da rede estadual de ensino; os problemas dos professores na educação escolar; a descrença em ser professor; o SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar de São Paulo) e as satisfações do professor. Percebeu-se, tam-

bém, que existem conflitos entre alguns membros do grupo, e que estes não eram revelados nas reuniões.

É importante acrescentar que apesar de estarem pessimistas nessas reuniões, algumas professoras tentaram mostrar esperança, por meio de experiências boas que ocorrem no cotidiano escolar, frutos do trabalho do professor e da capacidade das crianças. Os Quadros 15 a 17 apresentam alguns trechos ilustrativos das reuniões e seus respectivos depoimentos:

QUARTA ETAPA	
DÉCIMA QUINTA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
<i>Prof. 10</i>	<i>O Governo quer mandar só as ACTs embora. Parece que terá uma prova. O que será de nós?</i>
<i>Prof. 06</i>	<i>É uma vergonha essa situação. Fiquei sabendo por alto.</i>
<i>Prof. 04</i>	<i>Gente! Os que passaram com 40 pontos nem vai ser chamada. Eu sou realista, se tiver que passar com 40, 42 (pausa) o que teve de gente que passou com isso. O que vai ser da gente que não vai ser chamada? Que horror!</i>

Quadro 15: Décima quinta reunião: os depoimentos dos professores

DÉCIMA SEXTA REUNIÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
<i>Prof. 04</i>	<i>A gente vai falar com a diretora e ela não faz nada.</i>
<i>Prof. 06</i>	<i>Eu nem quero mais falar, não adianta (pausa) ninguém faz nada. Eu estou muito chateada. O povo vai chamando a atenção do professor de um jeito, de uma maneira. Eu estou muito triste.</i>
<i>Prof. 10</i>	<i>O professor não é mais respeitado.</i>
<i>Prof. 06</i>	<i>(...) todo mundo pode chamar a atenção de quem quiser, mas saiba chamar. Só porque ela é diretora.</i>

Quadro 16: Décima sexta reunião: os depoimentos dos professores

<i>DÉCIMA SÉTIMA REUNIÃO</i>	
<i>PROFESSORES</i>	<i>DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES</i>
<i>Profª. 02</i>	<i>Vocês ouviram falar da história da greve?</i>
<i>Profª. 06</i>	<i>Sempre a mesma conversa (pausa). Eu fico muito angustiada. A delegacia de ensino é a favor do Governo, é lógico! É contra o professor. A turma da secretaria não ajuda também.</i>
	<i>(Observação: a profª. 07 falou que precisava sair porque não estava se sentindo bem. Quando ela saiu a profª. 02 começou a falar: "O que vem da parte dela, eu não quero saber. É a única que eu não gosto daqui e deixo bem claro. A única pessoa que eu não gosto daqui dentro. Eu não sou mentirosa (pausa) pode gravar e enterrar, meu sangue não bate com o dela. Ficou falando mal de mim por aí. É só ela não mexer comigo está tudo bem. Ela para lá e eu aqui."</i>
	<i>Observação: todas as professoras ficaram em silêncio</i>
<i>Profª. 10</i>	<i>Tem muita coisa ruim ocorrendo na escola e com o professor.</i>
<i>Profª. 06</i>	<i>Mas eu acredito no meu trabalho. Eu faço tudo que eu posso para minhas crianças.</i>
<i>Profª. 02</i>	<i>Eu vi uma pesquisa que daqui a uns dez anos, não vai ter mais professor!</i>
<i>Profª. 09</i>	<i>Os poucos que formam e prestam o concurso de PEB II exoneram.</i>
<i>Profª. 06</i>	<i>Eu falo, professor também é bicho bobo. Hoje a D. me deu uma prova de Matemática para a 3ª série. Eu passei três probleminhas na lousa e falei: "quem souber fazer, faça (...)." D. se você visse a maioria da classe fez todas as contas sem que eu explicasse. Eu fiquei tão feliz! Professor é bicho bobo. Olha que coisa boa.</i>

Quadro 17: Décima sétima reunião: os depoimentos dos professores

A quinta etapa, da décima oitava à vigésima reunião, pode ser considerada o fechamento do trabalho do grupo. Na décima oitava reunião, a coordenadora propôs ao grupo uma atividade que seria realizada em dois momentos. No primeiro, os professores deveriam relatar uma experiência que vivenciaram em sala de aula. Esse momento teve adesão de todos os professores presentes. No segundo momento, seria realizada uma estratégia do Psicodrama conhecida como *role-playing* (interpretação lúdica de papéis), mas, por falta de tempo, não foi possível explicá-la e efetua-la.

De um modo geral, pôde-se perceber que todas as professoras participaram da atividade ao relatarem situações marcantes vivenciadas em sala de aula com alunos, pais ou direção. A grande maioria dos relatos estava relacionada com experiências vividas na escola onde a pesquisa foi realizada. O Quadro 18 apresenta os depoimentos mais ilustrativos dessa reunião.

QUINTA ETAPA	
DÉCIMA OITAVA REUNILÃO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
Prof.^a 09	<i>Eu tenho aquele caso do aluno V. Ele saiu da sala e bateu num garoto, lá fora. Perto da mãe dele que é funcionária aqui e, perto da diretora e foi a mãe que separou (...).</i>
Prof.^a 07	<i>Eu tenho dois problemas pra falar. O primeiro foi com aluno. A irmã veio reclamar de mim e aí a direção e a coordenação começaram a me vigiar (...). O outro caso foi um problema com minha filha aqui na escola (...).</i>
Prof.^a 04	<i>Eu quando estava grávida vi uma aluna apanhar da mãe no pátio da escola (...) mas não foi aqui não.</i>
Prof.^a 06	<i>Gente! Eu vou contar um caso que ocorreu comigo, no ano passado, retrasado (...). Eu tinha uma aluna (...). Ela tinha um problema, ela faltava demais. "J. porque você falta desse jeito"? Um dia eu falei que ia chamar o Conselho Tutelar. Aí o pai dela veio aí e fez o maior escândalo. Ele subiu e ninguém viu (...) mas eu é quem acabei com ele. Pensei que ele fosse me matar. Depois eu desci e acabei com o pessoal da secretaria, com o coordenador.</i>
Prof.^a 10	<i>O meu é daquela aluna. Gente! Foi horrível o que aconteceu comigo. Essa situação dessa garota na cadeira de rodas. A mãe da menina. A situação na Diretoria de Ensino. A falta de consideração da Diretora.</i>
Coordenadora	<i>Agora tem a segunda parte do trabalho.</i>
Prof.^a 06	<i>Dá para deixar para semana que vem? Por causa do horário, já está terminando.</i>
Coordenadora	<i>Bom! Então, antes de irem, eu gostaria que vocês escolhessem um dos casos que foram falados.</i>
Prof.^a 06	<i>É muito difícil escolher Patrícia.</i>
Coordenadora	<i>O que o grupo acha?</i>
Prof.^a 06	<i>Eu acho que tem que ser o relato da T., pois envolve a questão da inclusão. Eu estou falando por mim.</i>
Coordenadora	<i>Eu entendi (pausa) não que os outros casos não sejam importantes, para mim todos os casos são significativos, mas vocês precisam escolher um. Quem não falou gostaria de colocar alguma coisa?</i> <i>Silêncio</i>
Coordenadora	<i>Fica então a experiência que a T. teve?</i>
Prof.^a 07	<i>Para mim fica... o da T.</i>
Coordenadora	<i>O que vocês acham D., T., S.?</i>
	<i>Observação: as professoras concordaram com a cabeça</i>
Coordenadora	<i>Fica então a experiência que a T. teve?</i>
Prof.^a 07	<i>Fica (pausa) eu acho que é a coqueluche do momento.</i>

Quadro 18: Décima oitava reunião: os depoimentos dos professores

Na décima nona reunião, a coordenadora resgatou a atividade da reunião anterior, dando oportunidade aos que não estavam presentes de ouvir os relatos dos colegas, bem como de relatar suas próprias experiências em sala de aula. Pôde-se perceber, de um modo geral, que todas as professoras aderiram à proposta feita pela coordenadora no início do grupo. Nessa reunião seria realizada uma dramatização sobre o caso da professora 10. Contudo, tal atividade não pôde ser realizada devido a dois problemas. Primeiro, a professora 10 não estava presente e, segundo, a reunião começou atrasada, às 17h30min, devido ao encontro dos professores com um funcionário de um banco justamente no horário do HTPC, o que não foi comunicado à pesquisadora; ao terminar o horário agendado para a reunião, as professoras alegaram que precisavam ir embora, não sendo possível, portanto, realizar a atividade. O Quadro 19 apresenta os depoimentos mais ilustrativos desta reunião.

<i>DÉCIMA NONA REUNIÃO</i>	
<i>PROFESSORES</i>	<i>DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES</i>
<i>Profª 06</i>	<i>Patrícia, nós estamos com dois problemas. O primeiro, é que era o caso da T. que a gente ia trabalhar e ela não veio hoje e a outra questão, é que já são 6 e 15, e eu preciso ir embora porque eu tenho que pegar minha neta.</i>
<i>Coordenadora</i>	<i>Bom pessoal, realmente pelo que a M. falou, não será possível fazer a segunda parte da atividade. Mas, eu também estou entendendo que não será possível realizarmos esta atividade nem outro dia. O grupo de uma forma ou de outra já me mostrou isso. Mas, eu achei importante este momento, pois vocês puderam falar do trabalho de vocês. Vocês saíram um pouco de assuntos angustiantes e puderam falar com mais serenidade do trabalho de vocês, mesmo quando estes casos não foram situações agradáveis. Bom pessoal, alguém gostaria de falar alguma coisa?</i>
	<i>Silêncio</i>
<i>Coordenadora</i>	<i>Então, até a semana que vem.</i>

Quadro 19: Décima nona reunião: os depoimentos dos professores.

Na vigésima e última reunião, a coordenadora propôs aos professores uma atividade de integração e de despedida do trabalho de grupo. Essa atividade foi dividida em três momentos. No primeiro, foi solicitado que cada professor procurasse em revistas e jornais uma figura que, para ele, representasse “o grupo”. No segundo momento, a coordenadora propôs que cada professor explicasse para os colegas a figura que escolheu. O pesquisador constatou que as professoras estavam envolvidas com a atividade e, também, que se sentiam à vontade, descontraídas e tranquilas. O objetivo da coordenadora era o de proporcionar um “clima agradável” e de acolhimento na última

reunião. No terceiro e último momento, a coordenadora solicitou que cada participante do grupo deixasse uma mensagem para as colegas. Todos os membros participaram da atividade e, por fim, fizeram uma avaliação favorável do trabalho de grupo, de sua participação e dos benefícios pessoais e profissionais que a atividade lhes proporcionou.

Como esta última reunião foi muito extensa serão apresentadas as mensagens das pro-fessoras que participaram desta atividade por ser esta parte muito significativa para o término do trabalho de grupo (Quadro 20).

VIGÉSIMA REUNIÃO	
MENSAGENS DOS PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
Prof^a 08: <i>A importância da convivência entre professores dos Ciclos I e II.</i>	<i>O melhor do grupo, quando você forma entre professores assim (pausa) com momentos de desabafo nosso, até o dia a dia, ou então, do que está vivendo em classe, se vocês forem reparar não existe muita diferença, a gente fala: "ah! Professora de criança". A gente brinca: "ah! É PEB I, é PEB II". A luta é pela educação mesmo. A escola é a mesma e, às vezes, você vê problemas que você tem a professora da 1ª série também tem (pausa) as dificuldades.</i>
Prof^a 02: <i>A valorização da profissão docente.</i>	<i>Na hora do recreio, você fala de alunos, na hora de entrada, você fala de aluno, é incrível. A nossa preocupação é grande aqui. Então, a gente não pensa só em conhecimento. A gente ouvia uma falar: "ah! Porque ele tá doente". A gente tem o lado de enfermeira, de mãe. Todo mundo teve dificuldade na escola e se a gente conseguiu algo, foi por causa de nós mesmos. (...) estou aqui porque eu gosto mesmo porque eu não sei fazer outra coisa.</i>
Prof^a 10: <i>Aprendendo com os alunos e com os colegas.</i>	<i>(...) este ano foi muito marcante para mim porque eu aprendi muito com os alunos. A gente percebe que cada um está fazendo seu papel e se tem condições de falar uma palavra amiga, o pessoal dá mesmo. Apesar desse trabalho ser no final de aula, a gente cansada (...) eu aprendi muita coisa com os colegas e foi muito bom. (...) eu gostei e tive crescimento. A gente coloca o que a gente está sentindo e, às vezes, a gente tem dificuldades.</i>
Prof^a 03: <i>Fazendo um balanço do ano letivo e do trabalho do grupo de professores.</i>	<i>(...) a gente teve um sofrimento (...). Sobre a sala de aula, sobre os alunos, mas o que gratifica a gente, é que a gente conseguiu chegar no final do ano. Tivemos dificuldades, teve os problemas, mas a gente superou (...) a gente fez um bom trabalho. A gente conseguiu ver o crescimento dos alunos. É lógico que a gente não conseguiu 100% (...) mas no "frigor dos ovos", eu acho que nós fomos felizes. Tentamos melhorar, fizemos novos cursos (...). O grupo ajudou bastante (...). Todo mundo no mesmo compasso, cansado, mas estava todo mundo aqui, na medida do possível e a gente, o grupo ajudou porque a gente pode por para fora. As caras estavam meio chateadas, meio feias, mas não era com a colega. Era a situação em si. Então o grupo se ajudou por causa disso, mas com a sua ajuda.</i>
Prof^a 04: <i>As dificuldades com os alunos e o trabalho do grupo de professores.</i>	<i>(...) a sala que este ano difícil na parte, assim do MST. (...) classe difícil, de comportamento, de disciplina, mas melhorou bastante. Eu consegui o grupo para mim foi a união, um desabafo assim (pausa) um espaço pra gente falar o que a gente está sentindo. Eu gostei desse trabalho. Eu achei interessante, apesar de que a gente falava: "ah! Meu Deus! vou falar o que hoje? Hoje, eu não vou falar nada". Sem perceber, a gente deslanchava e todo mundo participando, e isso foi legal. Você conseguiu com que a gente (pausa) todos participassem de uma maneira geral.</i>

Quadro 20: Vigésima reunião: as mensagens dos professores.

Os Resultados das Entrevistas de Avaliação do Trabalho de Grupo e de Autoavaliação da Participação do Professor

Com relação aos resultados das “entrevistas de avaliação do trabalho de grupo e de auto avaliação da participação do professor”, o tema “O Grupo” teve as seguintes categorias: os aspectos favoráveis do grupo; os aspectos desfavoráveis do grupo; a importância do trabalho de grupo; os benefícios do apoio oferecido; as críticas em relação aos participantes; o enriquecimento do grupo com a troca de experiências; a importância da continuidade do trabalho; comentários favoráveis sobre o papel do coordenador.

Pode-se constatar que a maioria dos participantes gostou do trabalho. Sentiram-se acolhidos, desabafaram, compartilharam as dificuldades do cotidiano escolar, e também puderam se conhecer melhor. Verificou-se que, apesar dos aspectos favoráveis relatados, alguns participantes tinham muita dificuldade de aceitar e conviver com as diferenças dos colegas. O tema também revelou certa contradição quanto ao desejo da continuidade do trabalho de grupo na escola. A postura da coordenadora, na visão dos professores foi considerada adequada. O Quadro 21 apresenta os depoimentos mais ilustrativos.

<i>O GRUPO</i>	
<i>PROFESSORES</i>	<i>DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES</i>
<i>Prof. 05</i>	<i>“Eu vou falar do grupo (pausa) eu adorei. Foi muito bom. (...) eu gostei. Um espaço faz falta, um trabalho para o professor nas escolas (...) foi muito válido”.</i>
<i>Prof. 01</i>	<i>“Agora, o que eu não gostava era quando algumas pessoas ficavam falando alto, uma brigada (pausa) não gosto disso (pausa) não leva nada (pausa) não acrescenta”.</i>

Quadro 21: Depoimentos sobre o processo grupal

O tema A Minha Participação no Grupo teve as seguintes categorias: as facilidades de participar do grupo e as dificuldades de participar do grupo. Pode-se constatar que a maioria gostou de participar do grupo, mas o medo de ser punido na instituição, de se expor perante os colegas, o cansaço, o fato de não saber o que ia ocorrer nas reuniões e as dúvidas em relação ao trabalho de grupo foram alguns dos empecilhos para a participação dos professores. O Quadro 22 apresenta os depoimentos mais ilustrativos.

A MINHA PARTICIPAÇÃO NO GRUPO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
Prof. 02	<i>“Eu gostei de participar, de falar quando tive vontade. Algumas pessoas do grupo me ajudaram. Valeu (pausa) só por ter me ouvido ou por ter me falado alguma coisa, valeu”.</i>
Prof. 01	<i>“A verdade é que eu pouco participei (pausa) eu não gosto dessas atividades de grupo... eu nem gosto de cursos. “Eu não sou de falar (pausa) eu não tenho nada contra o seu trabalho, mas eu não gosto. Eu até chegava atrasado. Eu prefiro preencher papel, arrumar diário, esses negócios. No começo, eu fiquei sem graça de te dizer que eu não queria participar. Eu achei que era obrigatório por ser no HTP. “É o que eu tinha para falar”.</i>

Quadro 22: Depoimentos sobre o processo grupal

Já o tema “Esta Escola e o Grupo” teve as seguintes categorias: as oportunidades oferecidas pela escola para a realização de um trabalho de grupo; os comentários sobre o trabalho do professor na escola pesquisada e as críticas em relação à escola e à equipe técnico-pedagógica. Este tema apontou os problemas que os professores estão tendo no contexto escolar. Consta-se que os docentes estão bastante descontentes, desanimados com a postura dos agentes escolares da instituição. Contudo, eles não conseguem fazer “nada” para mudar a situação. O Quadro 23 apresenta os depoimentos mais ilustrativos.

ESTA ESCOLA E O GRUPO	
PROFESSORES	DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
Prof. 09	<i>“Eu não sei se a escola colaborou muito para este grupo. Hoje é o dia que a Patrícia vem, então, deixa o lugar arrumado. Outras vezes apagaram as luzes. Sem falar que às vezes aparecia a direção, funcionários para assinar livros. Ninguém se preocupava. Eu não sei se achavam importante. Eu nunca ouvi nada deles. A gente fazia na biblioteca, depois não deram nem satisfação e não fizemos mais lá, estranho”.</i>
Prof. 10	<i>“(…) mas eu acho que a escola em si deu um espaço para nós, deu um horário importante que é destinado para resolver os problemas da escola. (...) um horário nobre que a escola deu. Eles foram solidários e deram esse espaço para gente e para você fazer seu trabalho”.</i>

Quadro 23: Depoimentos sobre o processo grupal

Por último, o tema O Papel de Professor e o Grupo teve as seguintes categorias: a im-portância do desenvolvimento do papel de professor e a contribuição do trabalho de grupo para a prática profissional.

Pode-se constatar que o trabalho de grupo possibilitou crescimento pessoal (ouvir mais; se colocar no lugar do outro; não ser impulsivo; ser mais observador) e profissional (no relacionamento com os alunos e colegas; segurança e consciência política social; ajudar os colegas, ter uma visão maior da educação e do papel do professor da rede estadual de ensino).

Este último contato individual que a coordenadora teve com os professores possibilitou que fosse revelado alguns aspectos dos membros do grupo que possivelmente não seriam expostos em conjunto, tais como: a falsidade dos professores; a falta de confiança nos colegas e não saber explicar os motivos de não gostar de uma professora que participou do grupo. Além disso, foi comentado que a competição, a falta de educação e de respeito de alguns colegas; os problemas pessoais que traziam, o fato de falarem alto e brigarem em algumas reuniões incomodaram alguns professores. O Quadro 24 apresenta os depoimentos mais ilustrativos.

<i>O PAPEL DE PROFESSOR E O GRUPO</i>	
<i>PROFESSORES</i>	<i>DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES</i>
<i>Prof. 06</i>	<i>“Eu acredito que o trabalho colaborou para todas nós, sabe a postura profissional, ouvir mais, dar espaço para o outro falar, ajudar os colegas. Eu vi isso”.</i>
<i>Prof. 08</i>	<i>“Em vários momentos no grupo, eu pensava sobre o se colocar no lugar do aluno e também quando a professora 10 contou aquele caso da aluna deficiente. (...) eu fiquei imaginando se fosse comigo, se fosse comigo, eu pensei muito nisso. O quanto a gente está sozinha. A gente e o outro, no caso o professor precisa de ajuda”.</i>

Quadro 24: Depoimentos sobre o processo grupal

Discussão

Considerando os objetivos desta pesquisa, destaca-se que os professores discutiram no grupo vários aspectos do contexto escolar que os angustiavam e incomodavam.

Nos encontros, os professores possuíam muita dificuldade de ouvir o colega; várias vezes nem mesmo a coordenadora do grupo conseguia se manifestar. A angústia e a ansiedade parecem ter sido fatores importantes para a falta de benevolência em dar atenção ao colega. Por outro lado, nas entrevistas individuais colocaram a importância de estar com o outro, de aprender com o colega, de ouvir as dificuldades do mesmo.

O pesquisador constatou também que muitos professores apresentaram resistência às mudanças, além de dificuldades em aceitar o colega e de participar do trabalho de grupo. Parecia existir competição, desconfiança, divergências e discriminações entre alguns membros do grupo. Além disso, os professores pareciam não se sentirem livres para expor suas ideias e sentimentos em relação aos colegas e à instituição como um todo. Acredita-se que a dificuldade na realização das atividades de grupo seja consequência do fato da maioria dos professores ter pouco tempo de trabalho na escola onde a pesquisa foi realizada, por serem ACTs e por problemas institucionais.

Neste sentido, Zeichner (1993) e Nóvoa (1992) consideram necessário e imprescindível que a prática reflexiva aconteça entre os pares, dialogicamente, para que este espaço seja propiciador de fortalecimento para o desenvolvimento do trabalho. Estes autores ressaltam que não se deve esquecer que a prática do professor estará sempre carregada das condições político-sociais e institucionais nas quais está inserida.

Sadalla et al. (2005) acrescenta que é necessário vincular, na formação e no cotidiano do professor, teoria e prática, a partir da reflexão sistemática, cotidiana, democrática entre os pares. Isto tendo em vista a formação docente como um processo multifacetado, pautado em diversas dimensões, que acabam sendo os alicerces de muitos dos saberes docentes.

Petrilli e Camargo (2006) consideram que não se pode des-

merecer o conhecimento do professor, como se ele não fosse reflexivo, desqualificar sua prática, sua história de vida, sua profissão, não levar em consideração os personagens e os contextos em que estão inseridos. É necessário o envolvimento dos professores com a formulação das políticas públicas, discutindo, unindo esforços, para a implementação de mudanças no sistema educacional.

Verifica-se que a participação no grupo permitiu que alguns professores compreendessem o significado desse tipo de trabalho no contexto escolar e ressaltassem a importância deste como um espaço para o “desabafo”, ou seja, como um momento para falar dos problemas, ouvir e aprender com o outro, trocar experiências e receber apoio oferecido diante das dificuldades apresentadas.

Leite (2003) considera que a interação reflexiva parece ser um instrumento útil para a formação continuada de professores, indicando caminhos para a sua realização.

Parece-nos, através das discussões, que os professores possuíam dificuldade para enfrentar os problemas cotidianos. Acredita-se que, por medo de se exporem e sofrerem retaliações, os professores esperavam que outras pessoas (diretor, coordenador, Governo, enfermeira e psicóloga) fizessem algo para ajudá-los. Supõe-se que eles consideram serem incapazes de gerar mudanças no próprio ambiente de trabalho.

Segundo Azenha (2007) é esperado, há muito tempo, que os professores realmente de-cidam por uma participação mais ativa no cotidiano escolar, que deve ir além do cumprimento de sua função docente, ou seja, uma nova postura que compreenda maior envolvimento com as diretrizes educacionais, desde o conhecimento e análise crítica destas, até a propositura de uma gestão mais democrática e coletiva.

Os relatos dos professores também apontaram que a equipe técnico-pedagógica não oferece suporte adequado às dificuldades, problemas, dúvidas e necessidades dos professores. O pesquisador percebeu também que não existia preocupação da diretora em ter um bom relacionamento com os professores. De acordo com os professores, a diretora se colocava sempre à distância dos docentes, assumindo uma atitude autoritária, como se não quisesse

criar vínculos com eles. Além disso, na opinião deles, esta diretora gostava de ficar em sua sala, sem ser incomodada.

Para Sadalla et al. (2005) quando as decisões das chefias não são compartilhadas no contexto escolar, fica nas professoras um sentimento de imposição e arbitrariedade. A participação das mesmas é cada vez mais escassa visto que são postas como participantes passivas do processo na rede de ensino. Não sentem que são consideradas nos momentos de tomada de decisões, o que faz com que seu sentimento de inferioridade aumente e interfira no estabelecimento de relações interpessoais.

É importante destacar que a vice-diretora, ao ser entrevistada, declarou que o cargo de diretor daquela escola era o de substituição, pois a diretora efetiva estava afastada há muitos anos para trabalhar na diretoria de ensino. Uma professora que lecionava, há muitos anos, na escola declarou que existia uma grande rotatividade de diretores e esta situação atrapalhava o funcionamento da escola.

Nota-se que de um modo geral, a diretora da escola não se interessou nem facilitou a realização do trabalho de grupo dos professores. Esse fato pode ser confirmado, por exemplo, pelo local sempre desorganizado e empoeirado onde eram realizadas as atividades de grupo e pelo confisco da chave da biblioteca quando faltavam apenas poucas reuniões para o término das atividades. Outro aspecto a ser destacado é o da diretora não ter se interessado em compreender o que estava sendo realizado com os professores dentro da escola que ela mesma dirigia. A pesquisadora tentou entrevistá-la várias vezes, mas ela se recusou; sempre tinha uma desculpa.

A pesquisa realizada por Azenha (2007) retratou que a grande maioria dos entrevistados acredita que a gestão democrática só existirá a partir do momento em que for assumido por todos os atores da escola (direção, coordenação, funcionários, professores, pais e alunos). Existe um descontentamento por parte dos entrevistados quanto à sobrecarga de responsabilidades que permeiam o cotidiano escolar dos gestores, bem como a pouca participação e envolvimento dos diversos atores sociais na promoção de tomada de decisões.

Constata-se que, por essas razões, os participantes almejavam a continuidade do trabalho em grupo. De fato o trabalho de grupo revelou que, para esses professores, sobrecarregados por uma realidade de trabalho “difícil”, é de suma importância a promoção de ações capazes de “olhar” para as condições em que se realizam as práticas profissionais no dia a dia, bem como de estabelecer um espaço mais acolhedor, mais afetivo, mais envolvido com a formação do professor, do aluno e da equipe técnico-pedagógica.

Não se pode deixar de ressaltar que os relatos dos professores apontaram que este trabalho representou um espaço muito importante para os participantes que se encontravam em momentos “muito difíceis”, convivendo em um ambiente escolar bastante complexo.

Por fim, acredita-se que os membros do grupo se beneficiaram, pois a angústia, o sofrimento que o funcionamento da escola gerou pôde ser “compartilhada” no grupo.

Considerações Finais

De acordo com os resultados deste estudo, o medo, as dificuldades de relacionamento, a competição entre os membros, a resistência às mudanças, a falta de apoio e de interação com a equipe técnico-pedagógica dificultaram a reflexão do professor sobre sua prática profissional de uma forma mais fluente.

Contudo, acredita-se que o trabalho de grupo representou um espaço muito importante para os professores. Neste, eles puderam “depositar” os conflitos, os descontentamentos, as ansiedades e as angústias vivenciadas em uma instituição que demonstra viver em “caos”, “cri-ses”, “desorganizações” e “ausência de gestão”.

Após o desenvolvimento deste trabalho e da compreensão dos aspectos que integram a prática e a formação do docente, concluiu-se que é importante pensar uma reorganização escolar, com o intuito de realizar um trabalho em conjunto com os professores para a construção de uma visão a respeito da escola e da cultura escolar, possibilitando decisões pedagógicas mais adequadas e realistas, e um envolvimento maior entre professores, equipe técnico-pedagógica

ca e funcionários, com vistas ao favorecimento da prática educativa. É necessário maior investimento e maior empenho na formação inicial e continuada dos professores. As condições de trabalho, as questões salariais e o auxílio ao docente precisam ser revistas. O professor precisa se sentir valorizado.

Constatou-se também a necessidade de se realizar um projeto de formação continuada de professores que procure valorizar os aspectos profissionais e pessoais e as concepções dos docentes. Além disso, é necessário que seja promovida uma reflexão crítica sobre as concepções que os professores têm sobre as mudanças que ocorrem no ensino e que afetam diretamente suas práticas, com o intuito de, por meio de diálogos e trocas, fazer surgir possibilidades criativas e inovadoras de ação docente junto ao contexto escolar em que ele está inserido. Por último, considera-se a importância de se realizar um trabalho de grupo no contexto escolar como componente metodológico de um projeto de formação e aperfeiçoamento de professores.

Referências

- Andrade, A. S. (2000). Sucesso, dificuldades e resistências no uso da criatividade e espontaneidade dramática na prática de sala de aula em um grupo de professores. In M. R. Guarnieri (Org.), *Aprendendo a ensinar: O caminho nada suave da docência* (pp. 61-76). Campinas, SP: Autores Associados.
- Andrade, A. S. (2002). Sociodrama educacional: Uma estratégia de pesquisa-ação em psicologia escolar institucional. *Revista da SPAGESP* (3), 119-126.
- André, M. E. D. A. (1996). O papel da pesquisa na formação de professor. In A. M. M. R. Reali & M. G. N. Mizukami, *Formação de professores e tendências atuais* (pp. 58-75). São Carlos, SP: EDUSFCAR.
- Aquino, J. G., & Mussi, M. C. (2001). As vicissitudes da formação docente em serviço: a proposta reflexiva em debate. *Educação e Pesquisa*, 27(2), 211-227.
- Arelaro, L. R. G. (2007). Formulação e implementação das políticas públicas em educação e as parcerias público-privadas: Impasse democrático ou mistificação política? *Educação & Sociedade*,

28(100), 899-919.

- Azenha, J. L. (2007). *Gestão democrática a partir da LDB 9.394/96: A visão dos gestores escolares*. Dissertação de mestrado não publicada, Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto, São Paulo.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70.
- Borsato, C. R., & Andrade, A. S. (2000). Assessoria a professores de 1ª a 4ª série visando o desenvolvimento do profissional reflexivo a partir dos princípios do psicodrama pedagógico (resultados preliminares). *Revista Brasileira de Psicodrama*, 8(2), 69-82.
- Bueno, E. O., Catani, D. E., & Souza, C. P. (1998). *A vida e o ofício dos professores: Formação con-tínua, autobiografia e pesquisa em colaboração*. São Paulo: Escrituras.
- Carraro, P. R. (2003). *Crenças e representações dos professores sobre o construtivismo, os parâmetros curriculares nacionais (PCN) e as inovações pedagógicas no contexto das diretrizes propostas para o ensino fundamental a partir da nova LDB*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- Catani, D. E. (1987). A Formação de professores e o desempenho pedagógico. In F. Fischmann, *Escola brasileira: Temas e estudos* (pp. 161-167). São Paulo: Atlas.
- Chantraine-Demailly, L. (1992). Modelos de formação contínua. In A. Nóvoa (Org.), *Os professores e a sua formação* (pp. 139-158). Lisboa, Portugal: Dom Quixote.
- Domingues, I. (2004). *O horário de trabalho coletivo e a (re) construção de profissionalidade docente*. Dissertação de mestrado não publicada. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- Fernandes, B. S. (2000). Como trabalho com grupo de reflexão. *Revista da SPAGESP*, 1(1), 77-82.
- Fonseca, J. (1999). Grupos e individualismo. In W. C. Almeida (Org.), *Grupos: A proposta do psicodrama* (pp. 7-11). São Paulo: Ágora

- Gómez, A. P. (1992). O pensamento prático do professor: A formação do professor como profissional reflexivo. In A. Nóvoa (Org.), *Os professores e a sua formação* (pp. 93-114). Lisboa, Portugal: Dom Quixote.
- Guirado, M. (1987). *Psicologia institucional*. São Paulo: EPU.
- Lapassade, G. (1977). *Grupos, organizações e instituições*. Rio de Janeiro: F. Alves.
- Leite, L. P. (2003). *A intervenção reflexiva como instrumento de formação continuada do educador: Um estudo em classe especial*. Tese de doutorado não publicada, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP.
- Michels, M. H. (2006). Gestão, formação docente e inclusão: Eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar. *Revista Brasileira de Educação*, 11(33), 406-559.
- Minayo, M. C. S. (1999). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Mizukami, M. G. N., Reali, A. M. R. R., Reyes, C. R., Lima, E. F., Martucci, E. M., Tancredi, R. M. S. P., & Mello, R. R. (1996). *A reflexão sobre a ação pedagógica como estratégia de modificação da escola pública elementar numa perspectiva de formação continuada no local de trabalho*. São Carlos, SP: UFSCar.
- Moreno, J. L. (1984). *Psicodrama* (A. Cabral Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Moreno, J. L. (1992). *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama*. Goiânia, GO: Dimensão.
- Nóvoa, A. (1992). *Formação de professores e profissão docente*. In A. Nóvoa (Org.), *Os professores e a sua formação* (pp. 15-33). Lisboa, Portugal: Dom Quixote.
- Nunes, C. M. E., & Andrade, A. S. (1995). A supervisão escolar como proposta coletiva de trabalho. *Vertentes*, 6, 81-87.
- Petrilli, S. R. P., & Camargo, D. M. P. (2006). Formação docente

e prática reflexiva: Interesses políticos e ideológicos na interpretação do conceito. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 1(1), 118-128.

- Oliveira, D. A. (2004). A reestruturação do trabalho docente: Precarização e flexibilização. *Educação & Sociedade*, 25(89), 127-144.
- Sadalla, A. M. F. A., Wisnivesky, M., Saretta, P., Paulucci, F. C., Vieira, C. P., & Marques, C. A. E. (2005). Partilhando formação, prática e dilemas: Uma contribuição ao desenvolvimento docente. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(1), 71-86.
- Santos, L. L. C. P. (1996). Pesquisa: Subsídios à formação de professores. In A. M. M. R. Reali & M. G. N. Mizukami, *Formação de professores e tendências atuais* (pp. 88-105). São Carlos, SP: EDUSFSCAR.
- Schön, D. A. (1992). Formar professores como profissionais reflexivos. In A. Nóvoa (Org.), *Os professores e a sua formação* (G. Cunha, C. Hespanha, C. Afonso & J. A. S. Tavares, Trans., pp. 77-91). Lisboa, Portugal: Dom Quixote.
- Silva, B. C. C. (2002). *O trabalho com professores em atividades grupais reflexivas numa abordagem sociodramática*. Dissertação e mestrado não publicada, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- Souza, L. B. S., & Figueiredo, M. A. C. (1993). A análise de conteúdo e crenças sobre o trabalho socializado para um estudo de atitude. *Medicina*, 26(2), 281-293.
- Zeichner, M. K. (1993). *A formação reflexiva de professores: Idéias e práticas*. Lisboa, Portugal: Educa.

Recebido em 04 de junho de 2009

Aceito em 24 de fevereiro de 2011

Revisado em 21 de outubro de 2011